

A trajetória de Moisés como herói: uma leitura à luz do monomito de Joseph Campbell

The trajectory of Moses as a hero: a reading in light of Joseph Campbell's monomyth.

André Jorge Catalan Casagrande¹

 <https://orcid.org/0000-0002-5705-0792>

Resumo: O artigo tem como objetivo analisar a trajetória de Moisés sob a perspectiva da jornada do herói, compreendendo-a não apenas como narrativa histórica, mas como representação simbólica do processo de amadurecimento espiritual. A pesquisa adota como metodologia a análise literária aplicada ao texto bíblico. A estrutura do estudo baseia-se na teoria de Joseph Campbell, especialmente no conceito do monomito, que descreve o ciclo universal da jornada do herói em suas fases de partida, iniciação, retorno e morte. Os resultados evidenciam que a vida de Moisés reflete as fases do ciclo heroico — chamado, iniciação, retorno e morte —, revelando nele um herói que amadurece espiritualmente ao enfrentar crises, provações e limites pessoais. Conclui-se que sua jornada, marcada tanto por êxitos quanto por falhas, constitui-se um paradigma universal da caminhada humana rumo à maturidade espiritual, tornando-se espelho de nossa própria experiência existencial.

Palavras-chave: Moisés. Jornada do herói. Maturidade espiritual.

Abstract: The article aims to analyze Moses' trajectory from the perspective of the hero's journey, understanding it not only as a historical narrative, but as a symbolic representation of the process of spiritual maturation. The research adopts literary analysis applied to the biblical text as its methodology. The structure of the study is based on Joseph Campbell's theory, especially the concept of the monomyth, which describes the universal cycle of the hero's journey in its phases of departure, initiation, return, and death. The results show that Moses' life reflects the phases of the heroic cycle—calling, initiation, return, and death—revealing him as a hero who matures spiritually by facing crises, trials, and personal limits. It is concluded that his journey, marked by both successes and failures, constitutes a universal paradigm of the human journey toward spiritual maturity, becoming a mirror of our own existential experience.

Keywords: Moses. Hero's journey. Spiritual maturity.

¹ Doutor em Letras e mestre em Ciências da Religião pela Universidade Presbiteriana Mackenzie. Professor Colaborador do PPG em Teologia da Faculdade Teológica Sul Americana (FTSA). E-mail: andre.casagrande@ftsa.edu.br.

Introdução

Nosso intuito neste artigo é analisar literariamente a Bíblia, por meio da aplicação da jornada do herói à um personagem bíblico. Quando fazemos isso, nosso olhar se volta para a estrutura do enredo, o desenvolvimento do personagem, os símbolos, arquétipos e etapas da narrativa bíblica. Assim, a trajetória do personagem é entendida não apenas como história factual, mas como uma trama que transmite sentido universal (exílio, provação, transformação, retorno). Diferentemente da exegese histórica ou da teologia bíblica, que buscam o contexto original ou a mensagem de fé, a análise literária enfatiza a forma como a história é narrada. Além disso, ao perceber padrões narrativos universais (como o ciclo do herói), podemos destacar como a Bíblia dialoga com a experiência humana mais ampla, mas também como reinterpreta esses padrões à luz da fé.

Existem inúmeros personagens bíblicos sobre os quais poderíamos tratar neste artigo, tais como, por exemplo: Abraão que recebe o chamado de Deus para deixar sua terra (Gn 12), passa por incertezas, provações e, ao final, torna-se o “pai de uma grande nação”; Davi, um jovem pastor chamado a enfrentar Golias, passa por perseguições, mas, ao final, assume o trono como rei escolhido por Deus; Jonas que recebe o chamado para pregar em Nínive, foge (recusa ao chamado), entra em crise no ventre do peixe (provação) e, transformado, cumpre sua missão; ou ainda, Jesus Cristo, cujo ministério pode ser lido como a jornada por excelência: ele é chamado, enfrenta tentações, realiza sinais, ensina, sofre a paixão e morte (a provação suprema) e ressurge vitorioso, trazendo libertação espiritual à humanidade.

Analisaremos, neste artigo, Moisés na condição de personagem literária. A escolha de Moisés é motivada pelo fato de ele ter sido não apenas um líder político e legislador, mas também um guia espiritual, capaz de conduzir seu povo da escravidão à liberdade, do caos à ordem, da infantilidade espiritual à maturidade da fé. Assim, ele se torna paradigma não apenas de libertador, mas de mestre espiritual. Em Moisés, encontramos a figura de um herói que, antes de conduzir uma nação à terra prometida, precisou ele mesmo ser conduzido por Deus a uma profunda transformação interior.

Portanto, analisar Moisés sob a ótica da jornada do herói nos permite perceber nele um espelho de nossa própria jornada espiritual. O mito do herói é sempre, em última instância, um reflexo da viagem interior do ser humano. Nesse sentido, ao acompanharmos a narrativa mosaica, aprendemos a enxergar nossas próprias lutas, provações e desafios de fé, e vislumbramos o caminho da maturidade espiritual.

A jornada do herói

Joseph Campbell, no clássico *O herói de mil faces*, de 1949, traça a unidade nuclear da jornada do herói. Um ciclo padronizado que se reproduz na história dos heróis de todas as culturas: “Seja o herói ridículo ou sublime, grego ou bárbaro, gentio

ou judeu, sua jornada sofre poucas variações no plano essencial” (Campbell, 1997, p. 20-21). A jornada do herói representa a nossa própria jornada pessoal. Somos seres inacabados. Não nascemos prontos. Construímos nossa história e nossa humanidade dia a dia. Para tanto, precisamos de arquétipos a fim de neles nos espelharmos, bem como para encontrar respostas aos nossos próprios anseios e desafios. As histórias a respeito dos heróis servem, portanto, para nos confrontar e nos conduzir rumo à maturidade espiritual.

Paulo Brabo, em crônica intitulada *Joseph Campbell e o monomito*, afirma o seguinte sobre a jornada do herói:

Devidamente iluminado por Carl Jung, o antropólogo Joseph Campbell enxergou um dia o que tinha passado despercebido por incontáveis gerações de seres humanos: que todos os mitos e todas as lendas e todos os épicos e todas as narrativas sagradas de todas as culturas da humanidade contam essencialmente uma mesma história. Intuiu, maravilhado, que todas as narrativas com peso universal, de Adão a Homer Simpson, passando por Dom Quixote, o Homem-Aranha, Abraão, Dante, Darth Vader, Buda, Frodo, Jesus, Gandhi, Osíris, Harry Potter, João Grilo, Enéas, Hamlet e os formidáveis protagonistas de *Gladiador* e *O Sexto Sentido*, descrevem incessantemente a mesma trajetória primordial do mesmo herói primordial – figura que esconde-se por trás de diferentes máscaras mas aponta na eternidade para uma mesma verdade espiritual: a nossa (Brabo, 2009, p. 243).

A jornada é dividida, basicamente, em três momentos: 1) A partida; 2) A iniciação; 3) O retorno. Estes três períodos, por sua vez, são subdivididos em outros vários subtópicos que integram o caminho para a formação do herói. Nas palavras de Campbell:

Como vamos ver, dentro em breve, quer se apresente nos termos das vastas imagens quase abismais, do Oriente, nas vigorosas narrativas dos gregos ou nas lendas majestosas da Bíblia, a aventura do herói costuma seguir o mesmo padrão: 1) um afastamento do mundo, 2) uma penetração em alguma fonte de poder e 3) um retorno que enriquece a vida (Campbell, 1997, p. 20-21).

Seguindo o pensamento de Campbell, a jornada do herói apresenta, com pouquíssimas variações, sempre a mesma trajetória (por isso é denominada de monomito, ou seja, mito único): 1) um chamado à aventura, que o herói pode aceitar ou declinar; 2) um trajeto de provas, nas quais o herói pode ser bem-sucedido ou falhar; 3) a conquista do objetivo ou obtenção do “elixir”, momento que com frequência resulta numa importante auto-descoberta; 4) trajeto de volta ao mundo da experiência comum, percurso no qual novamente o herói pode ser bem-sucedido ou falhar; 5) aplicação do elixir, no qual aquilo que o herói conquistou pode ser usado para melhorar o mundo.

No entendimento de Maria Celina Cabrera Nasser,

a jornada do herói representa a nossa jornada pessoal, e, quando lemos ou assistimos a um filme ou peça de teatro que relata a história de alguém, herói ou não, procuramos encontrar nela respostas para os nossos próprios desafios e problemas [...] Aprendemos com os heróis, pois identificamo-nos com eles na busca de nossa própria identidade (Nasser, 2006, p. 51).

Além disso, na perspectiva de Nasser, a jornada do herói nos auxilia a nos situarmos no mundo, conduzindo-nos às respostas para as nossas perguntas existenciais mais profundas: “Quem somos? De onde viemos? Por que estamos aqui? Qual o sentido, isto é, significado e direção de nossas vidas? Estamos sozinhos no universo? Essas perguntas existem desde que o ser humano iniciou seu processo de busca de identidade” (Nasser, 2006, p. 41). No processo de construção de nossa identidade, a jornada do herói é nossa aliada, pois “a construção do humano se assemelha à jornada do herói” (Nasser, 2006, p. 42).

Campbell estabelece ainda uma tipologia dos heróis. Segundo ele, os heróis podem ser classificados em cinco categorias. A primeira delas é o herói guerreiro, muito comum nas histórias infantis. A segunda categoria é a do herói como amante, no qual o herói carece de sair vitorioso nas batalhas para conquistar a mulher amada. A terceira apresenta o herói como imperador ou tirano. Na quarta proposição encontra-se o herói como redentor do mundo (a que mais nos interessa neste artigo). Por fim, o herói como santo, que renuncia ao mundo por pertencer a um plano superior.

Nasser oferece como exemplo de “herói redentor do mundo” a figura de Jesus Cristo. Em suas palavras: “Ou o (herói) retorna como emissário dos deuses ou com a ideia de que ele e Deus constituem um só ser. Um exemplo de herói redentor pode ser encontrado em Jesus Cristo, que morreu na cruz para salvar o mundo e que, com Deus Pai e o Espírito Santo, forma uma unidade” (Nasser, 2006, p. 62).

Moisés também pode ser classificado como redentor do mundo, tanto por ser emissário de Javé quanto por auxiliar seu próprio povo, os hebreus, a libertarem-se da escravidão do Egito, segundo as narrativas apresentadas pelo livro do *Êxodo*. Feitas as devidas considerações iniciais, passaremos à identificação das etapas da jornada do herói em Moisés.

A partida

Além do fato de ter sido resgatado pela filha do Faraó das águas do Nilo, com apenas três meses, pouco sabemos sobre a infância do nosso herói. Ao analisar literariamente o livro do *Êxodo*, Jan P. Fokkelman, hebraísta holandês, afirma que “a criança hebreia, resgatada no Nilo, amadurece rapidamente (o narrador virtualmente salta a juventude de Moisés, 2.11-15) e encontra uma esposa em Midiã após escapar do Egito” (Fokkelman, 1997, p. 73).

É justamente quando estava apascentando o rebanho de seu sogro, Jetro, que ocorre o episódio epifânico da sarça ardente, o qual marca a partida de Moisés rumo à sua jornada como herói bíblico. Até esse momento, sua vida transcorria de forma simples e estável: vivia no deserto de Midiã, integrado à família de Jetro, seu sogro, e apascentava o rebanho, longe das pressões políticas do Egito e da lembrança da morte do egípcio que o fizera fugir. Trata-se de um cenário de estabilidade, no qual o herói parece ter encontrado um refúgio. No entanto, como bem observa Campbell, nenhum herói permanece para sempre nesse estado; o chamado à aventura rompe a normalidade e impele o personagem a uma missão maior.

É exatamente nesse ponto da narrativa que acontece aquilo que Campbell denomina “o chamado à aventura”. O intuito da divindade ao se revelar a Moisés é convocá-lo para liderar a libertação do povo hebreu das mãos do Faraó. A narrativa bíblica diz o seguinte: “Disse ainda o Senhor: Certamente vi a aflição do meu povo, que está no Egito, e ouvi seu clamor por causa de seus exatores [...] Vem, agora, e eu te enviarei a Faraó, para que tires o meu povo, os filhos de Israel, do Egito” (*Êx 3:7-10*).

A reação de “recusa ao chamado”, em Moisés, é bastante evidente. Sua resposta ao chamado é a seguinte: “Quem sou eu para ir a Faraó e tirar do Egito os filhos de Israel?” (*Êx 3:11*). Diante da insistência e dos argumentos utilizados pela divindade, Moisés responde: “Mas eis que não crerão, nem acudirão à minha voz, pois dirão: O Senhor não te apareceu” (*Êx 4:1*).

Nesse exato momento ocorre “o auxílio sobrenatural”. Moisés recebe de Javé poderes especiais ou sobrenaturais para derrotar o Faraó. Seu bordão se transforma em serpente, uma espécie de amuleto por meio do qual sinais eram realizados. Ainda assim, Moisés continua reticente: “Ah! Senhor! Eu nunca fui eloquente, nem outrora, nem depois que falaste a meu servo; pois sou pesado de boca e pesado de língua [...] Ah! Senhor! Envia aquele que hás de enviar, menos a mim” (*Êx 4:10-13*). Frente às evasivas de Moisés, a divindade é incisiva, não permitindo mais escolhas: seu irmão Arão, fluente no falar, o auxiliaria em sua missão.

A etapa do “ventre da baleia” ou “imagem mundial do útero”, embora não seja absolutamente clara no caso do herói em análise, parece, contudo, coincidir com o momento em que Arão é enviado por Javé a se encontrar com Moisés no deserto: “Disse o Senhor a Arão: Vai ao deserto para te encontrar com Moisés. Ele foi e, encontrando-o no monte de Deus, o beijou” (*Êx 4:27*). O monte de Deus é uma referência ao monte Sinai. Possivelmente, Moisés lá estivesse com a finalidade de meditar sobre a missão para a qual fora incumbido. Ou, talvez, tenha ido para lá à procura de sintonia com a divindade, a fim de angariar forças para o cumprimento de sua missão.

Na jornada protagonizada por Jesus, “o ventre da baleia” equivale aos quarenta dias por ele passados no deserto, quando fora tentado por Satanás, momento em que também reuniu forças para o início de seu ministério. O Getsêmani também pode

ser entendido como outro momento de preparação para suportar tudo aquilo que o aguardava, principalmente a cruz.

A iniciação

A iniciação de Moisés no caminho do herói ocorre quando ele enfrenta diretamente o poder do Faraó e, a partir desse momento, passa a experimentar tanto a oposição quanto o auxílio sobrenatural. Essa etapa representa um divisor de águas na narrativa: o herói já não é apenas o fugitivo de Midiã que encontrou a sarça ardente, mas agora se torna o porta-voz de Javé diante do governante mais poderoso do mundo antigo. O chamado divino o conduziu até o Egito, mas é no confronto com o Faraó que sua vocação começa a se consolidar em missão.

A primeira prova de Moisés é justamente apresentar-se diante do rei e exigir a libertação imediata do povo hebreu. Como era de se esperar, o Faraó fez pouco caso do aviso de Moisés e, ainda por cima, dobrou a carga de trabalho dos escravos hebreus, tornando a vida deles ainda mais amarga (*Êx 5:6-9*). Nesse momento, o herói enfrenta não apenas a resistência do inimigo, mas também a frustração de seu próprio povo, que passa a duvidar de sua liderança. Essa ambivalência é típica da jornada heroica: antes da vitória, o herói é provado pelo fracasso aparente.

Em seguida, o bordão de Moisés assume papel central como instrumento de poder e de legitimidade. Ele o lança no chão diante do Faraó, e este se transforma em uma serpente. Os sábios e encantadores do Egito replicam o feito com seus bordões, mas a serpente de Moisés devora todas as demais (*Êx 7:12*). Aqui se revela a dinâmica simbólica descrita por Nasser, amparada em Campbell, segundo a qual, no estágio do “auxílio sobrenatural”, o amuleto ou objeto sagrado desempenha função fundamental para a vitória do herói (Nasser, 2006, p. 56).

Na sequência, o bordão continua sendo relevante no contexto da narrativa. A primeira praga lançada contra os egípcios, a das águas que se tornaram sangue, é originada pelo bordão. Com o cajado, Moisés “feriu as águas que estavam no rio, à vista do Faraó e de seus oficiais; e toda a água do rio se tornou em sangue” (*Êx 7:20*). A segunda praga — a das rãs — também foi originada pelo bordão, que novamente feriu a água dos rios e fez subir uma multidão de rãs sobre a terra do Egito. Depois, Moisés feriu o pó da terra com o bordão, e a terceira praga se espalhou: piolhos sobrevieram sobre toda a população egípcia. Um pouco à frente, na narrativa, Moisés divide o mar Vermelho ao meio com seu bordão, permitindo que o povo hebreu passasse em terra seca.

Segundo Nasser, “Joseph Campbell apresenta, em seguida, algumas etapas que, por vezes, não aparecem em todas as jornadas” (Nasser, 2006, p. 57). Isso ocorre com “o encontro com a deusa”, “a mulher como tentação” e “a sintonia com o pai”, por exemplo.

A “apoteose”, momento em que o herói consegue cumprir sua missão, é bem

especificada na história de Moisés. Nossa herói a atinge quando, enfim, liberta o povo hebreu do Egito e eles passam, então, a peregrinar pelo deserto rumo à terra prometida por Javé.

O retorno

Campbell, ao propor um breve resumo da jornada do herói, diz o seguinte sobre a etapa do retorno:

O trabalho final é o do retorno. Se as forças abençoaram o herói, ele agora retorna sob sua proteção (emissário); se não for esse o caso, ele empreende uma fuga e é perseguido (fuga de transformação, fuga de obstáculos) (Campbell, 1997, p. 137).

Após os feitos em favor do povo e a consequente libertação do Egito, os hebreus passam a confiar em Moisés (*Êx 14:31*). Ele ocupa, então, a função de líder e, principalmente, de mediador entre o povo e a divindade. Moisés, agora, é o emissário de Javé. Retorna sob sua proteção e como seu representante no meio do povo. Tanto é assim que ele foi o único — entre os hebreus — a subir ao cimo do monte Sinai (ante a presença da manifestação epifânica da divindade), a fim de receber as tábuas da lei. Ao descer, seu rosto resplandecia como o sol, sendo necessário usar um véu para não ofender a visão de seus compatriotas.

A fase do retorno, segundo Campbell, é o momento em que o herói retorna ao mundo comum, trazendo consigo o dom, o conhecimento ou a bênção conquistada na aventura. Em Moisés, o retorno se expressa em sua função de mediador entre Deus e o povo. Ele não apenas libertou Israel do Egito, mas agora deve conduzi-lo a viver como povo da aliança. O retorno de Moisés é, portanto, mais coletivo do que individual: ele retorna não para si, mas para guiar e ensinar.

Nesse processo, Moisés enfrenta novos desafios. O povo, embora libertado, ainda demonstra imaturidade, rebeldia e nostalgia do passado. O bezerro de ouro, esculpido enquanto Moisés estava no Sinai, simboliza essa dificuldade de romper com os ídolos. Mais uma vez, o herói precisa interceder, implorando a Deus que não destrua sua nação. Esse ato o confirma como verdadeiro líder espiritual: ele se coloca entre a ira divina e a fragilidade humana, oferecendo-se até mesmo para ser riscado do livro da vida em favor do povo (*Êx 32:32*).

Após o retorno, o herói passa a ser “senhor de dois mundos”. Como exemplo dessa etapa, do tornar-se “senhor dos dois mundos”, Campbell cita a transfiguração de Jesus: quando Cristo se reuniu com Moisés e Elias, os três conversavam como que transfigurados diante dos discípulos, e uma nuvem luminosa os envolvia. Sobre isso, afirma Campbell:

Eis todo o mito num momento: Jesus, o guia, o caminho, a visão e o companheiro do retorno. Os discípulos são os iniciados, ainda não

dominam o mistério, mas são introduzidos na experiência total do paradoxo dos dois mundos em um (Campbell, 1997, p. 130).

A cena em apreço é muito similar àquela citada anteriormente sobre o encontro entre Moisés e a divindade, no monte Sinai, para receber as tábuas da lei. Naquele momento, dois mundos se tocam. É o povo, em vez dos discípulos de Cristo, quem não domina o mistério e, igualmente, é introduzido nessa experiência mística e mítica por meio da vivência do herói. Moisés transita entre a dimensão divina e a humana, subindo ao monte para ouvir a voz de Javé e descendo para transmitir ao povo as instruções. Esse duplo movimento faz dele figura tipológica de Cristo, o mediador por excelência, de acordo com os textos sagrados dos cristãos.

A cena em apreço é muito similar àquela citada anteriormente sobre o encontro entre Moisés e a divindade, no monte Sinai, para receber as tábuas da lei. Naquele momento, dois mundos se tocam. É o povo, em vez dos discípulos de Cristo, quem não domina o mistério e, igualmente, é introduzido nessa experiência mística e mítica por meio da vivência do herói. Moisés transita entre a dimensão divina e a humana, subindo ao monte para ouvir a voz de Javé e descendo para transmitir ao povo as instruções. Esse duplo movimento faz dele figura tipológica de Cristo, o mediador por excelência, de acordo com os textos sagrados dos cristãos.

Ao chegar neste ponto, o herói alcança o último degrau das etapas propostas por Campbell, que é a “autonomia para viver”. Sem dúvida, diferentemente daquele primeiro Moisés, acanhado e falho no falar — que se recusa a aceitar a missão —, o que se tem agora é um homem fortalecido e, portanto, apto para liderar um povo que caminhará por aproximadamente quarenta anos pelo deserto (segundo os registros do Antigo Testamento).

A morte do herói

Campbell observa que nem todas as narrativas sobre heróis possuem um final feliz. Sobre isso, o autor norte-americano afirma:

É sempre alguma pequena falha, algum sintoma, leve mas crítico, da fragilidade humana, a causa da impossibilidade de um relacionamento franco entre os dois mundos; dessa maneira, quase somos tentados a acreditar que, se o pequeno acidente perturbador pudesse ter sido evitado, tudo correria bem (Campbell, 1997, p. 120).

A história de Moisés tinha tudo para ter um final feliz. Ele poderia ter entrado com o povo na terra prometida como seu líder, na condição de um verdadeiro “herói”. No entanto, não é isso o que acontece. Por causa de uma “pequena falha”, Moisés chegou às fronteiras da terra de Canaã, mas morreu no Monte Nebo antes de atravessar o Jordão (Dt 34:1–5).

O episódio das Águas de Meribá é um dos momentos mais marcantes da trajetória de Moisés e do povo de Israel no deserto. Ele aparece em Números 20:1-13 e tem paralelos também em Êxodo 17:1-7 (ainda que se trate de ocasiões diferentes). O povo de Israel chega a Cades, no deserto de Zim, e não havia água. Os israelitas começam a murmurar contra Moisés e Arão, reclamando de terem saído do Egito para morrer no deserto. Moisés e Arão se prostram diante de Deus, e o Senhor ordena: “Fala à rocha diante dos olhos deles, e ela dará a sua água” (Nm 20:8). Moisés, porém, tomado de irritação, bate duas vezes na rocha com o cajado, em vez de falar a ela. A água jorra em abundância, mas Deus repreende Moisés e Arão: “Visto que não confiastes em mim para me santificardes diante dos filhos de Israel, por isso não conduzireis esta congregação à terra que lhes dei” (Nm 20:12).

Depois desse episódio, era de se esperar que Moisés intercedesse por sua própria vida diante de Deus. Entretanto, não é isso o que acontece: “Após determinação de YHWH de que Moisés e Arão devem morrer no deserto, poderíamos esperar um discurso eloquente de súplica do grande mediador de Israel. Em vez disso, Moisés prossegue na atividade de levar seu povo à terra que seus pés não tocarão” (Ackerman, 1997, p. 99). Ao não fazer o que qualquer um de nós faria, Moisés demonstra estar mais preocupado com o cumprimento de sua missão do que consigo mesmo. Além disso, na compreensão de Brabo — a respeito do monomito — a morte é fundamental na narrativa dos heróis:

[...] na narrativa do herói o momento da vitória é o preciso momento da sua morte: o momento da auto-descoberta (o inimigo sou eu), da morte do ego e da passagem para a maturidade com o elixir da vida eterna. O herói que recusa-se a morrer recusa-se a crescer; recusa-se a ressuscitar e, por ser incapaz de conhecer e ajudar a si mesmo, é incapaz de conhecer e ajudar os outros (Brabo, 2009, p. 243).

Ao deixar de rogar em favor de sua própria vida, Moisés demonstra ter alcançado a maturidade característica dos heróis. Como observa Brabo, “o herói que se recusa a morrer, recusa-se a crescer”. A referência não é apenas à morte física, mas também — e principalmente — à morte do ego, a fim de que a maturidade possa aflorar e ressuscitar. Essa é uma forma simbólica de nos espelharmos no arquétipo do herói em busca do nosso próprio amadurecimento espiritual.

Erich Auerbach, ao analisar literariamente os textos sagrados do Antigo Testamento, apresenta aquilo que ele denomina amplitude de oscilação do pêndulo do destino: “eles [os personagens] são portadores da vontade divina, e mesmo assim são falíveis, sujeitos a desgraça e humilhação — e em meio à desgraça e à humilhação manifesta-se, através das suas ações e palavras, a sublimidade de Deus” (Auerbach, 2009, p. 15). Moisés, embora portador da vontade divina, demonstra falibilidade e está sujeito à desgraça e à humilhação. A humilhação só não é maior porque Javé opta por

tirar-lhe a vida. Não fosse isso, o castigo de Moisés teria sido ainda mais vexatório e humilhante. A morte, ao que parece, concede-lhe certa dignidade.

De acordo com Jorge Herinque Barro,

Moisés foi um líder que experimentou sucesso e fracasso, vitória e desapontamento, crises e realizações. Antes de tudo, era um ser humano, com paixões, ansiedades, iras, descontroles, angústias, sofrimentos, medos. Nada diferente de nós! Por isso mesmo, não nos cabe aproximar-mo-nos de Moisés com o dedo em riste, apontando suas falhas. Portanto, este capítulo não o objetivo de incriminar Moisés, mas, sim, aprender com ele (Barro, 2022, p. 131).

Os heróis, de um modo geral, possuem fraquezas. Até mesmo os heróis das telas do cinema têm pontos fracos. Nenhum deles é invencível. Superman é enfraquecido pela Kryptonita. Thor perde a força quando fica longe de seu martelo. A Mulher-Maravilha se fragiliza quando é amarrada por alguém do sexo masculino. Aquaman não pode ficar muito tempo fora da água para não perder seus superpoderes. Sansão, outro herói das páginas bíblicas, possuía, a nosso ver, três calcanhares de Aquiles: o cabelo, as mulheres e sua fragilidade interior.

Moisés, enquanto herói bíblico, não é diferente. Ele apresenta fraquezas que, como diz Barro, o levaram a experimentar dificuldades e fracassos ao longo de sua jornada. Tendemos a enxergar os heróis como seres desprovidos de fraquezas, como seres que estão acima do bem e do mal. No entanto, “não há como negar que Moisés é visto como ‘herói’ e que pouco se fala dos motivos que o levaram ao fracasso” (Barro, 2022, p. 140). Se pensarmos nos heróis como um arquétipo, isto é, como uma espécie de imagem primordial, “[...] presente no inconsciente coletivo, que se projeta para nós, no ego, através de mitos, sonhos e heróis” (Nasser, 2006, p. 44–45). Deste modo, ao nos depararmos com os fracassos e as fraquezas de alguém do porte de Moisés, somos levados a encarar de frente as nossas próprias fraquezas e os nossos próprios fracassos.

Ackerman faz duas considerações relevantes sobre o episódio de Meribá, que, na concepção desse estudioso, explicam o porquê Moisés deve morrer no deserto. A primeira diz respeito à incapacidade de crer plenamente no poder de Deus.

No Éxodo, o contexto era Horebe-Sinai: em resposta ao murmúrio do povo contra Moisés, YHWH ordenou-lhe ferir a rocha em Horebe com sua vara para que a sede do povo pudesse ser saciada. Na segunda história, em Meribá, Moisés deve tomar novamente sua vara, mas desta vez produzirá água por meio da fala. Não é esse o teste: Moisés acredita suficientemente na palavra de YHWH (ver 11:23), e a ponto de supor que as suas palavras se aproximem do poder daquela? Ironicamente, o único mediador da palavra de YHWH não confia plenamente na palavra que incorpora (ver 27:14). Ele retorna ao seu método de produzir milagres com a vara, como tinha feito antes que as palavras divinas fossem pronunciadas no Sinai. Parte do “pecado” de Moisés,

portanto, é a incapacidade de crer plenamente no poder de Deus de cumprir promessas (Ackerman, 1997, p. 97).

A “falha” de Moisés não se trata apenas de um gesto errado, mas de uma crise de confiança. No Horebe, o milagre dependia do golpe na rocha; em Meribá, Deus eleva o nível do chamado: a água deveria jorrar pela palavra, sinal de confiança plena na eficácia da promessa divina. Porém, Moisés recua. Ele volta ao método antigo, à segurança do gesto com a vara, como se precisasse de algo palpável para garantir o resultado. Ao duvidar, Moisés torna-se reflexo da mesma incredulidade do povo que tantas vezes criticou.

A segunda proposição de Ackerman a respeito do erro de Moisés em Meribá é a vontade em repartir com outros a responsabilidade de mediação da aliança a ele confiada:

O outro elemento do pecado de Moisés é o desejo de não ser o único articulador da palavra de YHWH; mas esse é seu destino. Ele não se afirmou; ao contrário, desejou partilhar a carga da autoridade. Isto é, ele é “humilde” (12:3), o que em seu caso não é virtude. Para Moisés, dava no mesmo se renunciasse, e YHWH teve de insistir continuamente no papel único de Moisés como mediador humano-divino. Finalmente, Moisés torna-se mais categórico: “Faremos nós jorrar água para vós deste rochedo?” (20:10). YHWH falou a Moisés e a Arão: “Dize a este rochedo que dê as suas águas” (20:8). Não será este mais um teste? Moisés atribuirá a si mesmo resultados claramente derivados do poder divino? Ele jamais fizera isto no passado (ver *Êxodo 14:13-18*). Moisés finalmente renuncia à humildade e, tardivamente, afirma-se; mas YHWH interpreta a ação como incapacidade em atribuir os resultados ao poder divino em lugar do humano (Ackerman, 1997, p. 97-98).

Esse trecho revela a tensão espiritual e existencial de Moisés diante de sua vocação. Ele é chamado por YHWH para uma missão singular, mas, ao longo de sua trajetória, luta contra a responsabilidade de ser o único mediador entre Deus e o povo. Sua humildade, que em outros contextos seria virtude, aqui se torna ambígua: ela esconde um desejo de escapar do peso da autoridade. No entanto, no episódio de Meribá, Moisés, cansado e pressionado, deixa de ser apenas servo da Palavra e passa a colocar-se no centro da ação: “Faremos nós jorrar água (...)?” Moisés, exemplo de fé e obediência em tantos momentos, mostra que até o mais fiel dos servos pode falhar quando tenta conciliar a missão de Deus com os limites do próprio ego.

Para Nasser, “um ponto a ser comentado é a morte do herói, pois, por tratar-se do último ato de sua biografia, é o que dá sentido à vida. Assim, o herói não morre como os seres humanos normais; ele se dissolve” (Nasser, 2006, p. 62–63). A morte de Moisés é registrada nos capítulos 32 e 34 de Deuteronômio. Segundo o relato bíblico, Moisés subiu às campinas do Moabe, de onde avistou, ao longe, a terra prometida por Javé, a divindade hebraica. Eis o registro bíblico:

Disse-lhe o Senhor: Esta é a terra que, sob juramento, prometi a Abraão, a Isaque e a Jacó, dizendo: à tua descendência a darei; eu te faço vê-la com os próprios olhos; porém não irás para lá. Assim, morreu ali Moisés, servo do Senhor, na terra de Moabe, segundo a palavra do Senhor. Este o sepultou num vale, na terra de Moabe, defronte de Bete-Peor; e ninguém sabe, até hoje, o lugar da sua sepultura (Dt 34:4-6).

Segundo o relato do narrador deuteronómista, Moisés morreu ali e “ninguém sabe, até hoje, o lugar da sua sepultura”. Sobre a morte do herói, Joseph Campbell afirma o seguinte: “O último ato da biografia do herói é a morte ou partida. Aqui é resumido todo o sentido da vida. Desnecessário dizer, o herói não seria herói se a morte lhe suscitasse algum terror; a primeira condição do heroísmo é a reconciliação com o túmulo” (Campbell, 1997, p. 180).

A morte de Moisés é digna de um herói. Apesar de os aspectos físicos de seu corpo terem se mantido sóbrios até o fim, ainda assim morreu diante daquilo que mais almejara: a terra prometida. Uma morte mística, visto que ele ainda gozava de pleno vigor: “Tinha Moisés a idade de cento e vinte anos quando morreu; não se lhe escureceram os olhos, nem se lhe abateu o vigor” (Dt 34.7). Tal qual o herói brasileiro Ulysses Guimarães² (1916-1992), que desapareceu em um acidente de helicóptero, o túmulo de Moisés também foi desconhecido até mesmo de seus contemporâneos. O que o texto propõe é que a própria divindade o sepultou. Moisés, seguindo o percurso dos heróis, simplesmente se dissolve. Sua morte é, no mínimo, enigmática, digna de um verdadeiro herói.

Conclusão

A jornada de Moisés, lida sob a ótica da teoria do herói de Campbell, revela-se como uma narrativa profundamente formativa e transformadora. Cada etapa — partida, iniciação, retorno e morte — espelha processos existenciais e espirituais que todos enfrentamos ao longo da vida. Moisés inicia como alguém hesitante e inseguro, que recusa o chamado; depois, pela ação de Deus, amadurece, assume responsabilidades, enfrenta provações, intercede em favor de seu povo e, por fim, aprende a reconciliar-se até mesmo com seus próprios limites. Sua trajetória, marcada por vitórias e fracassos, mostra que o verdadeiro heroísmo não está na ausência de falhas, mas na capacidade de perseverar no chamado, crescer interiormente e amadurecer espiritualmente.

Paulo Brabo, a quem já recorremos anteriormente neste artigo, afirma que “a jornada do herói reflete, naturalmente, a viagem interior do indivíduo rumo – se tudo der certo – à maturidade espiritual” (Brabo, 2009, p. 243). Essa afirmação é bem

² Ulysses Guimarães (1916-1992) foi um importante advogado e político brasileiro, presidente da Câmara dos Deputados e líder de campanhas pela redemocratização do país, como as “Diretas Já”. Inicialmente, apoiou o golpe de 1964, mas logo se tornou um dos principais opositores do regime militar, filiando-se ao MDB e depois ao PMDB, lutando pela anistia e pela volta da democracia. Morreu em um acidente de helicóptero em 1992 e seu corpo nunca foi encontrado.

evidente no caso de Moisés: o pastor tímido de Midiã torna-se o mediador da aliança, o homem que fala face a face com Deus, mas que, ao mesmo tempo, permanece humano, sujeito à ira, à dúvida e ao erro. Em sua humanidade, Moisés nos espelha, permitindo-nos perceber que a maturidade espiritual não é um estado ideal de perfeição, mas um processo contínuo de transformação, no qual aprendemos a lidar com nossas fragilidades.

Sua morte, no monte Nebo, encerra simbolicamente esse percurso: mesmo sem entrar na terra prometida, ele alcança o ápice de sua missão, pois o essencial não era a posse do território, mas a condução de seu povo à maturidade da fé. Essa renúncia, esse morrer em favor do outro, é a marca definitiva do herói espiritual. O herói que aceita morrer — seja no sentido físico, seja no simbólico da morte do ego — é aquele que, de fato, renasce para uma nova dimensão do ser.

Assim, a jornada de Moisés não é apenas a história de um personagem bíblico distante, mas um arquétipo que continua a nos interpelar. Cada ser humano é chamado a viver sua própria partida, iniciação, retorno e morte simbólica. Desta feita, o que se pode apreender da trajetória de Moisés enquanto herói é que a sua jornada representa – em parte – a nossa jornada. E, tal qual o nosso herói, à medida que com ele nos identificamos e o introjetamos em nosso mundo interior, acabamos por nos tornar seres autônomos e, consequentemente, mais dispostos a enfrentar os perigos que se apresentam diante de nós, com mais maturidade e menos amedrontamento.

Portanto, a maturidade espiritual que Moisés simboliza é também o horizonte da vida humana. Seu exemplo nos ensina que crescer espiritualmente é aceitar o chamado, atravessar o deserto das provações, retornar para servir ao próximo e, finalmente, reconciliar-se com a própria finitude. A jornada do herói, nesse sentido, é também a jornada do ser humano: um caminho de transformação interior, que nos conduz da insegurança inicial à entrega confiante, do ego à alteridade, da imaturidade à maturidade espiritual.

Referência

ACKERMAN, James S. Números. In: ALTER, Robert; KERMODE, Frank (org.). Guia literário da Bíblia. São Paulo: UNESP, 1997.

AUERBACH, Erich. *Mimesis: a representação da realidade na literatura ocidental*. 5. ed. São Paulo: Perspectiva, 2009.

BARRO, Jorge Henrique. *Pastoral a caminho: teologia e práxis pastoral a partir do chamado e ministério de Moisés*. Rio de Janeiro: Thomas Nelson, 2022.

BÍBLIA SAGRADA. Edição Revista e Atualizada. Tradução de João Ferreira de Almeida. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 1993.

BRABO, Paulo. *A Bacia das almas*. São Paulo: Mundo Cristão, 2009.

CAMPBELL, Joseph. *O herói de mil faces*. 10. ed. São Paulo: Cultrix/Pensamento, 1997.

FOKKELMAN, Jan P. Êxodo. In: ALTER, Robert; KERMODE, Frank (org.). Guia literário da Bíblia. São Paulo: UNESP, 1997.

NASSER, Maria Celina Cabrera. *O uso dos símbolos: sugestões para sala de aula*. São Paulo: Paulinas, 2006.